

# PROTAGONISMO DA JUVENTUDE JIRIPANKÓ: OS MOVIMENTOS INDÍGENAS E A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO DE LUTA

## JIRIPANKÓ YOUTH PROTAGONISM: INDIGENOUS MOVEMENTS AND THE UNIVERSITY AS A TERRITORY OF STRUGGLE

João Paulo de Jesus dos Santos<sup>1</sup>  
Natália Luczkiewicz da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva da juventude indígena da comunidade Jiripankó, localizada no sertão alagoano, em meio aos movimentos culturais e à universidade, considerando-a como um território de luta. Este trabalho segue a metodologia da pesquisa etnográfica (MATOS, 2011), em que buscamos discutir sobre uma temática vivenciada por um dos pesquisadores. Para realização deste estudo, foram coletadas entrevistas com duas jovens da comunidade, que fazem parte do grupo “Tonã Toa”, na qual discutimos questões relacionadas à temática do protagonismo e da juventude, além da importância deles para os movimentos de luta e de resistência. Como embasamento teórico, utilizamos pesquisadores como Dayrell (2003), Dayrell e Gomes (2009), Santos, Ferreira e Santos (2022); e o Plano Pedagógico do Curso de Letras da Licenciatura Intercultural (CLIND-AL, 2018). Além disso, recorremos a algumas reflexões sobre o Letramento de Resistência (SOUZA, 2011), considerando a união entre espaços não formais e formais de ensino (aldeia e universidade) para a construção de um diálogo e para a formação cidadã desse grupo que, por vezes, foi silenciado. Analisamos os dados de forma qualitativa, priorizando a descrição e interpretação das falas das colaboradoras. Diante disso, constatamos que não existe apenas uma juventude (singular), mas diferentes juventudes (plural), em que ser indígena não está vinculado a um estereótipo e que cada indivíduo, por mais que carregue o traço identitário da cultura, possui uma identidade individual, na qual ele tem autonomia de escolher quais serão os caminhos que deseja trilhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Universidade. Povos indígenas Jiripankó.

### ABSTRACT

The present work aims to analyze the perspective of the indigenous youth of the Jiripankó community, located in the hinterland of Alagoas, in the midst of cultural movements and the university, considering it as a territory of struggle. This work follows the methodology of ethnographic research (MATOS, 2011), in which we seek to discuss a theme experienced by one of the researchers. To carry out this study, interviews were collected with two young women from the community, who are part of the group “Tonã Toa”, in which we discussed issues related to the theme of protagonism and youth, in addition to their importance for the struggle and resistance movements. As a theoretical basis, we used researchers such as Dayrell (2003), Dayrell and Gomes (2009), Santos, Ferreira and Santos (2022); and the Pedagogical Plan of the Languages Course of the Intercultural Licentiate (CLIND-AL, 2018). In addition, we resorted to some reflections on the Literacy of Resistance (SOUZA, 2011), considering the union between non-formal and formal teaching spaces (village and university) for the construction of a dialogue and for the citizenship formation of this group that, for times it was silenced. We analyzed the data qualitatively, prioritizing the description and

<sup>1</sup> Discente de graduação no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). E-mail: joao.santos1@alunos.uneal.edu.br.

<sup>2</sup> Professora Substituta na Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL). Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Letras Português pela Uneal. E-mail: natalia2luczkiewicz@gmail.com.

interpretation of the collaborators' speeches. In view of this, we found that there is not only one youth (singular), but different youths (plural), in which being indigenous is not linked to a stereotype and that each individual, however much he carries the identity trait of the culture, has an individual identity, in which he has the autonomy to choose which paths he wants to follow.

**KEYWORDS:** Youth. University. Jiripankó indigenous peoples.

## 1 NOSSAS HISTÓRIAS IMPORTAM!

*“Meu Deus, que aldeia é essa que eu nunca andei aqui, aldeia jiripankó nascida no ouricuri?  
Aldeia jiripankó nascida no ouricuri.  
Aldeia jiripankó não tem rio para atravessar só tem fonte de minação riqueza em nosso  
lugar.  
Na chegada desta casa venho cantando o meu toré dando viva ao cacique e louvando o nosso  
pajé [...]”<sup>3</sup>*

O amor pela minha cultura e pelo meu povo reina dentro de mim. A voz que vos fala é a de [nome do primeiro autor], jovem indígena do sertão alagoano. Por meio dos meus pais e da minha família, por estarem inseridos nesse campo cultural da comunidade, sempre tive vontade de participar e, desde pequeno, venho acompanhando os rituais do povo. Nas festas realizadas todos os anos, como as corridas (a flechada do imbu e a dança do cansação), passava noites e noites nas bordas do terreiro, presenciando momentos incríveis junto ao meu povo, dançava toré aos sábados à noite e aos domingos à tarde. Isso me fez um jovem participativo e engajado dentro da minha cultura.

O toré é uma forma de diversão para a comunidade e é gratificante participar desses momentos, pois é a nossa música, uma música indígena, que reverbera como uma forma de homenagear os nossos seres de luzes, ou melhor dizendo, os nossos encantados. Portanto, acredito que obtive o conhecimento que hoje tenho, porque o meu povo me ensinou.

Ser um jovem indígena, para mim, é ser conhecedor do saber do grupo em que vivo, é entender o valor do meu povo, da minha cultura e da minha identidade, manter as raízes ancestrais e carregar a responsabilidade de preservar a nossa história.

Ao ingressar na universidade, no curso de Letras, por meio de um programa intercultural, observei como esse ambiente pode ser um grande aliado para nós, povos indígenas. Além disso, trata-se de uma conquista muito importante, pois sei do valor social que isso representa para a

---

<sup>3</sup> Trecho de um Toré da aldeia Jiripankó.

minha comunidade, na qual posso ser um porta-voz das nossas histórias e um agente participativo na luta pelos direitos do meu povo. Em uma sociedade marcada por estereótipos que negam a nossa existência, faço parte de um grupo que almeja reconhecimento, e é exatamente nesse território (universidade) que atingimos representatividade.

Quando escolhi ser um indígena professor de Língua Portuguesa, consegui enxergar um horizonte de saberes, o futuro da minha comunidade e a garantia de direitos até então negados. Todos os dias, enfrento estereótipos e situações de marginalização social, contudo, continuo usando da minha força e do espaço acadêmico que ocupo, resistindo para existir e carregando a identidade Jiripankó por todos os espaços que frequento.

Eu, [nome do segundo autor], tive contato com o público indígena durante a minha graduação, em que fui estagiária do Curso de Licenciatura Indígena de Alagoas. Desde esse momento, sinto a necessidade de discutir sobre as desigualdades sociais às quais esses povos são submetidos. A construção desses laços afetivos relacionada aos conhecimentos que adquiri, ao longo da minha formação acadêmica, proporcionou a elaboração de um trabalho conjunto que anseia problematizar discursos coloniais ao tempo em que evidencia o protagonismo da juventude indígena e a possibilidade de acesso aos diversos espaços sociais.

A partir desse anseio, realizamos esta pesquisa focalizando os jovens Jiripankó, que se engajam nas lutas, que estudam, trabalham e que não medem esforços para manter a sua cultura viva<sup>4</sup>. Para tanto, realizamos uma entrevista com alguns membros do grupo *Tonã Toá*, criado por um jovem e liderança da comunidade, em 2020, com o objetivo de engajamento e visibilidade da juventude Jiripankó. Atualmente, o grupo participa de vários eventos comemorativos, em que são convidados pelas cidades vizinhas ou até mesmo dentro da aldeia para fazer apresentações.

A entrevista foi realizada na Escola Estadual Indígena José Carapina e gravada no formato MP3, no dia 31 de maio de 2023. Por questões éticas, utilizamos nomes fictícios para nos reportar às participantes. Durante a entrevista, discutimos sobre a temática do protagonismo e da juventude, abrangendo os interesses culturais do grupo.

Este trabalho segue organizado em quatro seções. Na primeira, discorremos sobre a importância da juventude Jiripankó; na segunda, refletimos sobre o papel da universidade na formação dos jovens indígenas, a partir do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ofertado

---

<sup>4</sup> Nesse momento inicial, trouxemos a voz do primeiro autor do trabalho que é indígena da aldeia Jiripankó, localizada no sertão alagoano, esboçando o caráter vivencial desta pesquisa; e a voz da segunda autora que possui experiência como professora e pesquisadora da teoria decolonial (QUIJANO, 1999). A partir de agora, a pesquisa é narrada pelo (nós), ambos autores deste trabalho.

pela Universidade Estadual de Alagoas; na terceira, discutimos sobre os letramentos de resistência; na quarta, analisamos a entrevista realizada com duas participantes do grupo indígena *Tonã Toá*; por fim, apresentamos as nossas conclusões.

## 2 O PAPEL DA JUVENTUDE JIRIPANKÓ

O povo Jiripankó está localizado no Alto sertão de Alagoas, município de Pariconha. A comunidade indígena tem uma vasta riqueza cultural, na qual são realizados diversos rituais. Essas manifestações foram transmitidas ao longo de diversas gerações e, hoje, são mantidas por lideranças, grandes anciões detentores do saber da aldeia. Quando escolhemos essa temática, atentamos discutir sobre como a juventude e o protagonismo são temas multidimensionais, fazendo-nos refletir sobre as suas significações em meio às lutas por uma educação, saúde, cultura, lazer, entre outros direitos.

Nesse sentido, a juventude torna-se muito importante para propagação cultural da aldeia e para o reconhecimento da diversidade de interesses diante da nossa sociedade. Os jovens Jiripankó têm buscado diversas possibilidades de ser e de viver, em meio a esse novo modelo social, muitos têm saído da aldeia para trabalhar em outras cidades; outros ocupam cadeiras nas universidades; e há aqueles que permanecem na aldeia, seguindo os passos dos seus ancestrais. No entanto, independentemente dos espaços que ocupam, a maioria dos jovens tem demonstrado um papel ativo na luta por direitos da comunidade, alcançando lugares que lhes são de direito, sem esquecer suas raízes.

Dayrell e Gomes (2009) apontam que a juventude é uma construção social iniciada na adolescência, entendida também como um período de transformações biológicas, psicológicas e de integração social. A partir desse olhar, em relação à cultura do nosso povo, existe um conjunto de práticas culturais que são passadas por meio das memórias ancestrais.

A juventude Jiripankó vem se constituindo por iniciativas próprias, entre elas, podemos citar dois grupos: o *Tonã Toá* e o *Guerreiras Curi Croá*, este último é composto apenas por mulheres que promovem experiências através do artesanato.

Neste estudo contamos com a colaboração de jovens participantes do *Tonã Toá*. Este grupo foi criado em 2020 e o seu nome traz representatividade e muito significado cultural para os



povos Jiripankó, pois o termo “tonã” é utilizado para se referir à parte de cima da veste do praia<sup>5</sup> (Imagem 1), e o “toá” representa o “tauá”, ou seja, o barro branco que é utilizado nas pinturas corporais durante os rituais.

Imagem 1 – Máscara ou tonã



Fonte: pesquisadores (2023).

Nessa perspectiva, o Tonã Toá tem como intuito dar visibilidade, engajamento e fortalecimento à juventude Jiripankó. Além disso, promove conhecimento, troca de saberes e experiência como fortalecimento de cultura e da identidade. Por esses motivos, escolhemos representantes desse grupo para fazerem parte desta pesquisa, uma vez que eles, enquanto jovens, assumem o papel de preservação cultural. No entanto, preservar a identidade do povo não significa abdicar de outros papéis sociais. Diante disso, na próxima seção, discorreremos sobre a importância da universidade para os povos indígenas.

### **3 ENSINO SUPERIOR: A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO DE LUTA**

Nas palavras de Pardo (2019, p. 200): “as políticas educacionais recentes no Brasil buscam naturalizar a ideologia dos grupos dominantes, em detrimento da legitimação da diversidade

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir aos participantes dos rituais.



epistemológica de grupos marginalizados”. Isso resulta na marginalização dos saberes locais e limita a variedade de perspectivas e abordagens de conhecimentos disponíveis.

Pensar a respeito da presença indígena na universidade é entendê-la como um espaço territorial que, desde sempre, deveria ser aberto ao nosso povo. A presença da população indígena, nesse ambiente, auxilia na ruptura de estereótipos que apresentam uma visão colonizadora sobre o que é ser indígena.

Atualmente, estamos alcançando alguns direitos que, até pouco tempo, nos eram negados. Por meio dos vestibulares e processos seletivos, conseguimos ingressar no ambiente universitário. No entanto, ainda há sérios problemas no processo de inclusão das nossas comunidades no ensino superior, em que, diversas vezes, não conseguimos permanecer nos cursos em decorrência do trabalho, filhos, atividades religiosas, ou mesmo financeiras, para nos locomovermos até os locais de aula. Diante disso, vemos um cenário em que, na lei, a educação é entendida como um direito de todos, mas, na prática, nem sempre acontece. A Lei Federal 9393/96, no seu artigo 78, inciso I e II estabelece que

O sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência de ensino e pesquisa, para oferta de Educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas:

I – Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II – Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas (Brasil, 2017, p. 49).

Com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), foi atribuída aos sistemas estaduais de ensino a educação indígena. A partir disso, muitos jovens indígenas têm a oportunidade de cursar a educação superior por meio de programas específicos, centrados no ensino intercultural. No estado de Alagoas, a universidade estadual, mais especificamente, o Campus III, oferta cursos de graduação em quatro polos diferentes: Pariconha, Joaquim Gomes, Porto Real do Colégio e Palmeira dos Índios.

O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) conta com cinco cursos: Letras Português, Matemática, Geografia, História e Pedagogia, e iniciou no ano de 2019 com mais de 200 estudantes indígenas de diversas etnias, a saber: Pankararu, Xukuru-Kariri, Tingui Botó, Aconã, Karapotó Terra Nova, Karapotó Plak-ô, Wassu-Cocal, Katokinn, Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Jiripankó. Em sua primeira versão, na qual a agência de fomento era o Governo Federal, o



Programa de Licenciatura Intercultural Indígena (PROLIND) formou mais de 80 professores indígenas que, atualmente, lecionam em escolas aldeadas, servindo de inspiração para a nova geração.

O CLIND é um programa específico para formação de professores indígenas, no qual a instituição propõe um currículo diferenciado voltado para atender-nos e centrado no princípio da interculturalidade, do multiculturalismo e da etnicidade. Portanto, a licenciatura intercultural indígena tem por objetivo:

Graduar indígenas em nível Superior, a fim de habilitá-los para exercer a docência no Ensino Fundamental e Médio, tendo como princípio metodológico a aprendizagem, através do ensino, pesquisa e extensão. Esse processo terá como base o respeito à interculturalidade, ao multiculturalismo e à etnicidade, a fim de atender às necessidades de uma escola que responda às especificidades e processos históricos dos povos indígenas (PPC/CLIND, 2018, p. 25).

O acesso dos povos indígenas ao ensino superior perpassa por vários aspectos, limites e desafios em relação à educação intercultural ou até mesmo ao acesso e permanência. Para essa comunidade, a universidade é um espaço de direito, em que devemos conquistá-la, pois é um território de compartilhamento de saberes, experiência e existência. Diante disso, é necessário aprofundarmos-nos cada vez mais nessas discussões, com o intuito de garantir uma educação de nível superior que assegure os nossos direitos e que respeite as nossas diferenças, a partir da interculturalidade.

A UNEAL Campus III vem promovendo um ensino voltado aos povos indígenas. No Plano Pedagógico de Curso (PPC/ CLIND, 2018, p. 14-15), é relatado que “O acesso à Educação como bem universal que se configura como elemento de transformação do ser humano é um direito assegurado a todos os indivíduos”.

Observamos um movimento crescente de inclusão dos povos indígenas nas universidades públicas. Cursos como esse, de matriz intercultural, promovem a troca de saberes, o protagonismo e o diálogo, fazendo com que o nosso povo seja respeitado. Desse modo, pensando numa perspectiva plural, o CLIND vem proporcionando a formação de professores indígenas e colaborando para a formação de cidadãos aptos a afirmar a identidade étnica e a valorizar os costumes e tradições, articulando os conhecimentos aos conteúdos culturais autóctones no cotidiano das aldeias, entendidas como laboratórios vivenciais dos graduandos, alunos e comunidades indígenas (PPC/CLIND, 2018).



Diante disso, essa formação atravessa a identidade do professor indígena como um proliferador de conhecimentos étnicos e culturais no local de atuação. Esse curso não só reforça a inclusão e a garantia de direitos dos indígenas a um ensino público de qualidade e intercultural, como também serve de espelho para as crianças que poderão ver os seus parentes<sup>6</sup> como professores, tornando-se uma inspiração.

Portanto, a experiência no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena serve como um ponto de encontro e de articulação entre indígenas de diferentes comunidades, fortalecendo a solidariedade e a troca de experiências. A universidade se tornou um espaço para a sensibilização e para a conscientização da sociedade não indígena sobre os nossos direitos e sobre a nossa cultura. Na próxima seção, tratamos sobre o letramento de (re)existência, considerando a interrelação entre a universidade e a comunidade na construção dos saberes.

#### **4 LETRAMENTO DE (RE)EXISTÊNCIA**

Em uma sociedade onde muitas vozes são silenciadas e precisam resistir ao projeto civilizatório promovido pela elite hegemônica para realmente existirem, é necessário REEXISTIR. Essa luta pela reexistência se intensifica em um contexto social, político e econômico que nos oprime diariamente, exigindo que nos reposicionemos em nossos lugares de atuação, proposição e ação política, em que a linguagem desempenha um papel fundamental (Souza; Jovino; Muniz, 2011). Muitos grupos e indivíduos só estão vivos hoje porque resistem às adversidades às quais são submetidos, porque lutam por seus direitos e recusam o silenciamento.

Nessa perspectiva, envolvendo uma formação cidadã humanizadora, os postulados teóricos que orientam esta pesquisa e a nossa prática cotidiana, chamamos atenção para o conceito de Letramento de Reexistência que, de acordo com Souza (2011, p. 36), “mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discurso já cristalizado”.

O letramento de reexistência exerce um papel crucial na preservação e no fortalecimento de identidades, culturas e lutas. É um processo que vai além do domínio da escrita e leitura convencional, envolvendo a valorização e revitalização das línguas, a produção de textos que

---

<sup>6</sup> O termo “parentes” é utilizado para nos identificar como um só povo que luta pelos mesmos interesses, uma vez que cada povo/comunidade tem sua própria forma de organização, mas a luta é uma só, ou seja, é coletiva.





reflitam suas narrativas e perspectivas, e o uso da escrita como uma ferramenta de empoderamento e resistência contra a opressão histórica e a marginalização.

Ao trazer os saberes da comunidade para a academia, os jovens indígenas enriquecem a universidade com perspectivas e saberes diferenciados, rompendo com a visão eurocêntrica predominante. Tornam-se agentes de transformação, apresentando uma visão mais ampla e contextualizada das questões sociais, culturais e ambientais, além de incentivarem a reflexão crítica sobre as formas de conhecimento e de poder.

Diante disso, evidenciamos o protagonismo da juventude indígena Jiripankó em meio aos movimentos culturais da comunidade e entendemos a universidade como um território de luta. Nesse sentido, a união do conhecimento local ao conhecimento científico e sistematizado auxiliam no letramento de reexistência, em busca de desconstruir preconceitos e reivindicar espaços. Na próxima seção, apresentaremos alguns trechos retirados da entrevista realizada com duas indígenas participantes do grupo Tonã Toá, da aldeia Jiripankó.

## **5 ANÁLISE DOS DADOS: ENTREVISTA COM O GRUPO TONÃ TOÁ**

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, na qual abrimos espaço para a discussão sobre a juventude indígena e as suas diferentes atuações: representação política, estudantes de nível superior e grupo cultural. Além disso, trata-se de um estudo etnográfico, o qual é uma abordagem essencial no campo das ciências sociais e humanas, e auxilia no processo de compreensão das complexidades culturais, por meio de um estudo imersivo (Mattos, 2011). Escolhemos essa abordagem porque nos envolvemos ativamente na comunidade a qual estudamos, vivenciando suas práticas, rituais, crenças e interações sociais.

Um dos instrumentos mais utilizados para a coleta de dados numa pesquisa etnográfica é a entrevista. Por meio dessa técnica, o pesquisador tem a oportunidade de obter informações detalhadas e contextualizadas diretamente dos participantes da pesquisa (Gil, 2008). Portanto, realizamos uma entrevista semiestruturada, com duas jovens indígenas que fazem parte do grupo Tonã Toá. A coleta foi realizada na Escola Estadual Indígena José Carapina, local em que as entrevistadas estudam o Ensino Médio.

O material foi gravado no formato MP3 e, posteriormente, transcrito para facilitar o processo analítico. Neste trabalho, focaremos as respostas concedidas às seguintes perguntas: 1.



Qual foi o objetivo de formar o grupo Tonã Toá? 2. Qual é a participação dos jovens nos movimentos da aldeia? 3. Como você tem visto o acesso à universidade aos jovens Jiripankó?

Com as entrevistas, buscamos capturar e interpretar o significado e a lógica subjacentes aos comportamentos e sistemas simbólicos da comunidade colaboradora. Em relação à primeira questão, Kawannam<sup>7</sup> apresentou a seguinte resposta:

Fragmento 1 – Trecho da entrevista com a jovem Kawannam

*Kawannam:* É um meio para fortalecer a nossa identidade primeiramente, mas acredito que não a identidade também mas fortalece as nossas lutas em meios... como diz aquele ditado “uma andorinha só não faz verão”. A gente criou para... tem vídeos e fotos, a gente faz apresentação fora, somos convidados para apresentações. Mas para mim significa de fortalecimento, persistência e com certeza de resistência para o povo Jiripankó, porque um grupo formado por jovens é muito gratificante pra comunidade.

Fonte: Pesquisadores (2023).

Imagem 2 – Apresentação do grupo Tonã Toá



Fonte: Acervo do grupo Tonã Toá (2023).

No fragmento citado, verificamos que o Tonã Toá promove um fortalecimento identitário para o povo Jiripankó e para a juventude que precisa estar à frente desse movimento de preservação, luta e resistência, para manter sua cultura mais forte. A entrevistada faz uso de um ditado popular para exemplificar o papel desse grupo na comunidade: “uma andorinha só não faz verão”. Diante dessa perspectiva, compreendemos que uma pessoa não consegue fazer tudo

---

<sup>7</sup> Nome fictício.



sozinha, por isso, é necessário que sejam formados grupos que visem esse fortalecimento cultural, ainda mais nos últimos anos, em que as populações indígenas foram alvo constante de violências por parte dos próprios governantes do país<sup>8</sup>.

Nas palavras da entrevistada, a luta indígena é de todos, sendo o “protagonismo muito importante, porque representa quem nós somos, representa o que a gente faz, nossa atividade, deveres e aprendizagem”. Nesse momento, ela ressalta um ponto muito importante: a aprendizagem. É preciso que os jovens percebam o quanto a cultura ensina e que, ao chegarem nos espaços formais de ensino, não abandonem os conhecimentos advindos da sua comunidade.

Diante dessas reflexões, a segunda entrevistada também destacou alguns elementos que ajudam no processo de validação do grupo juvenil na comunidade, conforme verificamos no fragmento 2.

#### Fragmento 2 – Trecho da entrevista com a jovem Janaína

*Janaína:* No caso de [nome da liderança do grupo], é passar o conhecimento na luta, seja orientado para não deixar que, quando os mais velhos se acabaram cedendo o lugar, para não ficar aquele lugar esquecido as apresentações nos lugares e no meu ponto de vista é gerar conhecimento, engajar o jovem, levar o nome Jiripankó mais adiante.

**Fonte:** Pesquisadores (2023).

De acordo com a resposta concedida, observamos que o grupo representa uma troca de conhecimento, de saberes e de experiência, além de buscar o engajamento dos jovens em meio aos movimentos. A colaboradora fala sobre o representante do Tonã Toá que, em decorrência da rotina, pois é presidente do Conselho de Saúde Indígena e é estudante universitário, não conseguimos entrevistá-lo.

Neste momento, retornamos à discussão de que a possibilidade do jovem sair da aldeia para estudar e/ou trabalhar não anula a sua persistência e vontade de colaborar para melhoria da sua comunidade, e nem anula o sentimento de pertencimento. Vemos, por exemplo, o caso deste jovem que, apesar de possuir uma série de atribuições, é considerado um representante ativo, servindo de inspiração para outros jovens.

Partindo para a segunda questão, Kawannam destaca o caráter de completude existente entre a presença da juventude para a preservação dos rituais, conforme exposto:

---

<sup>8</sup> Referimo-nos ao antigo governo, vigente entre 2018 a 2022.



Fragmento 3 – Trecho da entrevista com a jovem Kawannam

*Kawannam:* Sobre essa questão, a gente percebe muito que muitos jovens participam da nossa tradição, dos nossos rituais principalmente do grupo... porque vamos dizer é os rituais que sustenta nossa comunidade, mas também é nós jovens que sustenta os rituais, os rituais nos fortalece e nós fortalecemos os rituais.

**Fonte:** Pesquisadores (2023).

Imagem 3 – Jovens indígenas participando de um ritual na aldeia Jiripankó



**Fonte:** acervo do grupo Tonã Toá (2023).

Para os jovens Jiripankó, é muito importante ter essa participação nos rituais dentro da comunidade, pois a cultura é passada de geração para geração, com o anseio de ser preservada. Com base nessa discussão, Krenak (2020) fala sobre a cultura do bem viver, trazendo consigo a relação ancestral de que “a gente tem em comum uma experiência de ter um vínculo com os nossos ancestrais. Os nossos ancestrais não são só a geração que nos antecedeu agora, do nosso avô, do nosso bisavô. É uma grande corrente de seres que já passaram por aqui [...]” (Krenak, 2020, p. 28).

Nesse sentido, compreendemos que a vida material não é eterna e que hoje nossos anciões estão à frente, mas um dia, nós, jovens, é que estaremos nesse lugar, pois, através dos saberes construídos, continuaremos essa jornada de muita luta e cultura. Portanto, para os jovens, os rituais são uma forma de fortalecimento e de protagonismo que mantém a união em busca da

conscientização sobre os seus papéis culturais, uma vez que somos o presente e o futuro da nossa comunidade.

Nessa esteira, Dayrell (2003, p. 40) salienta que “uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”. A passagem da juventude para a fase adulta é complexa, é uma geração marcada pelas experiências da vida. Diante disso, consideramos que a juventude indígena Jiripankó tem uma presença marcante em meio aos movimentos, interna ou externamente nos rituais.

Ainda sobre a segunda questão, Janaína destacou o seguinte:

Fragmento 4 – Trecho da entrevista com a jovem Janaína

*Janaína:* A juventude Jiripankó, eles são protagonista, vou falar na área dos rituais da nossa comunidade, vários deles participam, prestigiam e é muito bom ver eles ali junto com a nossa comunidade com os mais velho, que é a geração que futuramente irá está ali representado é os jovens que faz a diferença. Acredito que futuramente os jovens daqui de Jiripankó tenham mais protagonismo e mais empenho em nossos rituais, não só nos rituais, mas também que eles possam pensar e criar uma expectativa de entrar na universidade que é um futuro bem bom para eles, não só na carreira profissional, mas também pessoal.

**Fonte:** Pesquisadores (2023).

No relato, há um sentimento de pertença, quando se diz que a juventude Jiripankó é protagonista do engajamento dentro da cultura de saber, que somos nós que iremos ocupar esses espaços futuramente, no terreiro ou nas lutas.

A entrevistada expressa sua esperança de que, no futuro, os jovens da comunidade assumam mais protagonismo e dedicação nos rituais, e não apenas neles, mas também em relação a pensar e criar expectativas de ingressar na universidade. Ela enxerga a universidade como uma oportunidade de crescimento não apenas profissional, mas também pessoal, acreditando que esse espaço pode proporcionar um futuro promissor para os jovens, ampliando suas perspectivas e possibilitando a construção de uma vida plena e realizada.

A fala da participante representa uma atitude de esperança frente aos jovens Jiripankó e a sua atuação nos movimentos da aldeia, nos quais eles têm buscado conhecimentos com os mais experientes, em locais externos à comunidade. Embora ela destaque que nem todos têm a preocupação em aprender as manifestações culturais e religiosas para seguir com a tradição, mostra-se entusiasmada em relação àqueles que têm se dedicado a essas atividades, destacando que os

jovens fazem muita diferença nos rituais: “cantar no terreiro é um papel muito importante em nossa comunidade e acredito que é os jovens que são eles o futuro da nossa comunidade”.

O terreiro é um espaço sagrado para nosso povo, e, na visão da entrevistada: “o Terreiro fortalece a juventude, as crianças aprendem porque é um espaço de aprendizagem para todos nós”. Sob a ótica do povo Jiripankó, a juventude gera uma expectativa de vida para a comunidade. Assim, o envolvimento ativo na cultura tradicional e na história de Jeripankó é o que confere identidade ao povo e fortalece sua resistência cultural, tradição e religião.

A transmissão desses ensinamentos e aprendizagens é fundamental para preservar a cultura, isso ocorre por meio das memórias compartilhadas pelos anciãos, dos costumes e tradições transmitidos de geração para geração, permitindo que os novos membros da cultura se integrem plenamente à comunidade (Santos; Ferreira; Santos, 2022). Ademais, entendemos que não é só na aldeia que conseguimos preservar a nossa cultura, mas também ocupando espaços de poder, e a universidade é um deles. Assim, partimos para a análise das respostas referentes à questão 3.

Na comunidade Jiripankó, há vários jovens ingressos na Universidade Estadual de Alagoas, por meio do programa de ensino intercultural. Em relação a essa conquista, Kawannam destaca:

#### Fragmento 5 – Trecho da entrevista com a jovem Kawannam

*Kawannam:* É muito gratificante porque indígena é só em uma nação, embora somos todos irmão, a gente ver os indígenas ocupando espaços principalmente nas universidades é que é muito difícil chegar lá, mas com certeza tão entrando várias pessoas, ver um de nós indígena entrando na faculdade, terminando e trabalhando em sua área que deseja está, é o lugar que a gente deveria ocupar.

Fonte: Pesquisadores (2023).

Imagem 4 – Alunos do Curso Intercultural participando de minicurso na universidade



Fonte: Acervo do CLIND-AL (2021).



A colaboradora reforça a ideia de que o ambiente universitário é visto como uma vitória, como um espaço de luta e de resistência para a comunidade indígena, porém trata-se de um espaço que também é de direito dessa população e que é lá mesmo que esses jovens devem estar.

Com base no exposto, consideramos a educação algo complexo e sabemos que ela ainda é comandada pela elite dominante. Portanto, quando um indígena consegue se inserir nesse meio social, nesse universo formal, a força e a resistência passam a ser questões contínuas, para que consigam permanecer nesse local. Durante a entrevista, a jovem Janaína destaca:

#### Fragmento 6 – Trecho da entrevista com a jovem Janaína

*Janaína:* Os jovens estão se engajando, estão conseguindo entrar na universidade é uma motivação porque... tem esse conceito que indígena é pra tá na mata, indígena é analfabeto e a gente ver que não, somos todos capacitados para ter um estudo, um ensino e ter oportunidades de entrar na universidade... tudo é determinação. E a sociedade tem um pensamento voltado só para aquele índio padrão no caso.

**Fonte:** Pesquisadores (2023).

O conceito de “índio padrão”, citado pela entrevistada, representa o índio dos anos 1500. Trata-se de um termo pejorativo colonialista, em que “índio” é aquele do cabelo liso, pele escura, que anda nu e que se alimenta de outras pessoas. No entanto, essa visão deve ser desmistificada, visto que não existe índio, mas sim Povos Indígenas ou originários, partindo do entendimento de que há uma expressiva diversidade de cultura, hábitos e costumes em cada etnia, e a juventude se constitui nessa realidade de vivências.

Os estudantes indígenas enfrentam desafios particulares, como o confronto entre os conhecimentos ocidentais predominantes e suas próprias formas de saber. Nesse sentido, a universidade pode se tornar um local de resistência, onde eles possam reafirmar a sua identidade, promover a valorização de suas culturas e lutar pela inclusão de perspectivas indígenas nos currículos, na pesquisa e na vida acadêmica como um todo.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa objetivou analisar a perspectiva da juventude indígena da comunidade Jiripankó, localizada no sertão alagoano, em meio aos movimentos culturais e à universidade, a partir de reflexões sobre a experiência juvenil e sobre o protagonismo. Diante disso, verificamos que a presença e a participação de nós, jovens, é uma forma de resistência e existência em meio aos desafios que os povos indígenas, mais especificamente, os Jiripankó enfrentam no dia a dia. Dessa



maneira, quando um jovem busca a manutenção da cultura, da tradição e dos valores étnicos, observamos um grande avanço para que nossas histórias não se percam no tempo e no espaço.

O movimento de luta vem dos nossos antepassados, são deles que recebemos forças, porque se encontram em nós, não de forma material, mas espiritual, em memórias, por meio da natureza (entre as matas), das águas (entre rios e cachoeiras), na terra na qual pisamos, no ar em respiramos, nos cânticos (toré). Essa é a nossa cultura!

Assim, tivemos a grande satisfação de realizar esta pesquisa, contando com a colaboração de outros jovens da comunidade Jiripankó, que aceitaram responder a algumas perguntas sobre os movimentos sociais, o protagonismo e o papel da universidade para o futuro dos indígenas. A partir das entrevistas, foi possível verificar que não existe apenas uma juventude (singular), mas diferentes juventudes (plural), em que ser indígena não está vinculado a um estereótipo e que cada indivíduo, por mais que carregue o traço identitário da cultura, possui uma identidade individual, na qual ele tem autonomia de escolher quais serão os caminhos que deseja trilhar.

Em relação ao acesso à universidade, com o Curso Intercultural, vivenciamos um espaço aberto à diversidade e à pluralidade, quebrando paradigmas colonialistas presentes nessa sociedade elitista e eurocêntrica em que vivemos. Acreditamos numa educação superior de qualidade que atenda as especificidades das comunidades indígenas; na inclusão da juventude em meio às lutas; e na ocupação dos espaços que são nossos por direito.

Essa visão demonstra que existem várias culturas e que devemos compreender esses espaços como locais de produção, de compartilhamento de saberes, de socialização de experiências, de engajamento da juventude, de luta, resistência, existência e, acima de tudo: um ambiente que priorize o respeito. Por isso, apesar de considerarmos a comunidade o centro da nossa cultura e do nosso conhecimento, entendemos a universidade também como um território de luta, pois é a partir desse acesso que conseguimos que as nossas vozes sejam ouvidas e validadas. Desejamos, pois, que esse percurso seja contínuo, marcado por diferentes gerações de jovens que considerem cada povo enquanto parte de nós.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br>. Acesso em 29 jun. 2023.

CLIND. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Estadual de Alagoas**. Palmeira dos Índios-AL, 2018.

DAYRELL, J.; GOMES, N. L. **A juventude no Brasil**. Belo Horizonte, 2009.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRENAK, A. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. Rio de Janeiro: Escola Parque, 2020. Disponível em <http://www.culturadobemviver.org/>. Acesso em 05 jun. 2023.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2.

PARDO, F. S. Decolonialidade e ensino de línguas: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado no cenário político atual. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 3, p. 200-222, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Dispositivo**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

SANTOS, J. P.; FERREIRA, M.; SANTOS, V. O que é ser uma criança indígena? Um olhar da criança Jeripankó. In: **Abril Indígena**, 11., Estudos Cooperados do CLIND, 4. Palmeira dos Índios: GPHIAL; CLIND, 2022. p. 81-88.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. 176p.

UNEAL. **Universidade Estadual de Alagoas**. Plataforma digital. Disponível em: <http://acervo.uneal.edu.br/campi/campus-iii-palmeira-dos-indios> Acesso em: 05 jun. 2023.

Enviado em: 11/07/2023

Aceito em: 01/02/2024